

FUNDASUL DE BRAÇOS ABERTOS PARA A HISTÓRIA E A MEMÓRIA



PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA CULTURAL DO RIO GRANDE DO SUL

Helenismo Sul-Americano Missioneiro



Por Prof^a Suzete Maria Santin

O rastro é a aparição de uma proximidade, por mais longínquo esteja aquilo que o deixou. A aura é a aparição de algo longínquo, por mais próximo esteja aquilo que a evoca. No rastro, apoderamo-nos da coisa; na aura, ela se apodera de nós. (Walter Benjamin)

O conceito de Walter Benjamin expressa o sentimento humano diante de sua necessidade de ver projetado, em algo, o que pelas frestas do passado deixa-se vislumbrar por sinais, deixados aqui e ali.

Camaquã e região Centro-Sul tiveram a oportunidade de vivenciar o resgate de memórias, deixadas por uma civilização cujos conceitos de arte e religião estão impressos nos rastros caracterizados pelas ruínas que permanecem no tempo atual e no espaço original pela importância do seu significado para o povo gaúcho. Alguns desses rastros estão extraviados pelos pampas gaúchos incluindo, também, a Região do Prata, levados por viajantes ou até mesmo por sobreviventes das Guerras guaraníticas. É atrás desses elementos que está o pesquisador Prof.Dr. Edison Hüttner, através do qual a exposição chega a Camaquã.

A Exposição Helenismo Sul-americano Missioneiro foi realizada na FUNDASUL, em parceria com a Escola de Humanidades da PUCRS,



A abertura da exposição contou com projeção de filme documentário e apresentação do projeto de Ação Educativa pelo curador da exposição, Prof. Dr. Edison Hüttner.

Através de riquíssimo acervo de peças da arte missioneira, fotos, desenhos e filmes, conferências, catálogo educativo, partilha de pesquisas, música indígena, exemplares de mudas de erva-mate e amostras de terra das missões, a exposição apresentou a paisagem da arte sacra jesuítico-guarani a partir de novo ângulo, de um novo conceito cultural: Helenismo Sul-Americano Missioneiro.

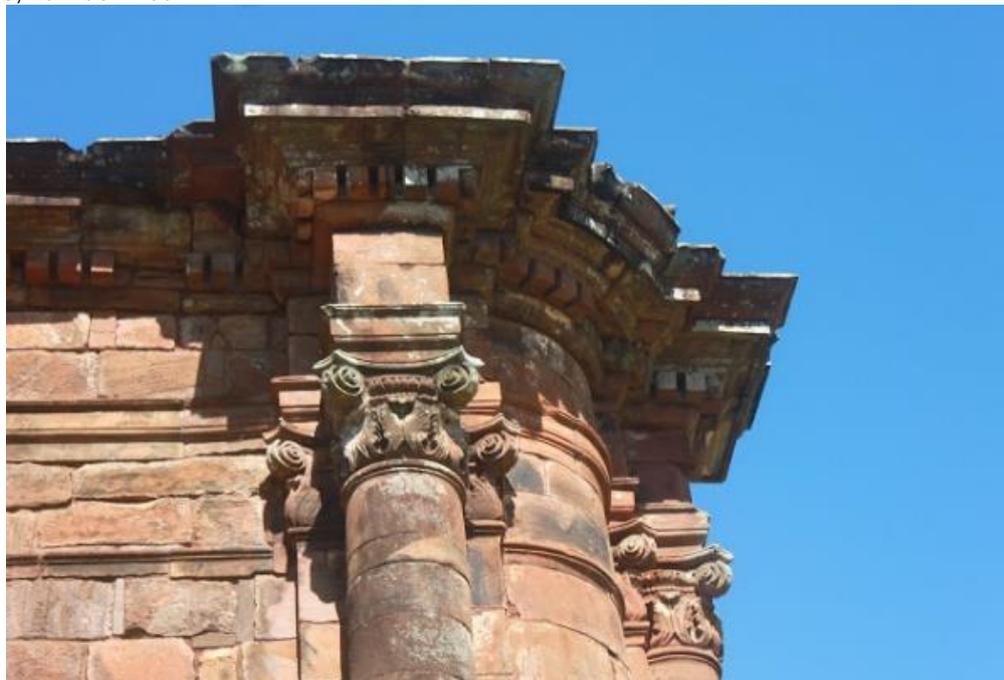
Destaque na Revista *Visioni LatinoAmericane*, do Centro de Estudos para América Latina, da Universidade de Trieste, da Itália, o artigo intitulado “Humanismo e cultura religiosa” de autoria do Professor Dr. Edison Hüttner, da PUCRS, e o arquiteto, Dr. Rogério Mongelos, também da PUCRS, traz a público as importantes descobertas que têm sido realizadas nas missões guaraníticas.

No artigo, o Professor localiza, historicamente, o contexto e a região do Helenismo sul-americano Missioneiro e dos jesuítas, esclarecendo o novo conceito cultural.

O termo helenismo sul-americano missioneiro, segundo o Professor, em entrevista à Revista da Fundasul, tem origem na história geral do helenismo histórico, iniciado no século IV a.C. O encontro da civilização grega com povos do Mar Mediterrâneo até a Ásia Central, resultou na fusão de várias culturas e suas mais variadas edificações.



Helenismo é um fenômeno existente na história da humanidade, resultante do encontro de culturas que abrange arte, escultura e filosofia grega. O termo Sul-americano, é apenas um identificador do espaço onde está localizada toda a paisagem em questão, cujo contingente são peças de alto valor cultural identitário: Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai. Tais construções representam identidade americana e latino-americana.



O estudo multidisciplinar realizado na província jesuítica do Paraguai, pelos pesquisadores e autores do artigo, busca demonstrar um novo enfoque da interpretação

artística, arquitetônica e cultural em torno das reduções jesuíticas guaranis. O fenômeno artístico, cultural e religioso construído pelos padres jesuítas e pelos índios guaranis, nos séculos XVII e XVIII, possuem características de um Helenismo próprio, desenvolvido a partir de influências, certamente trazidas da Europa pelos jesuítas, como o estilo renascentista-maneirista, o barroco e o barroco missioneiro.

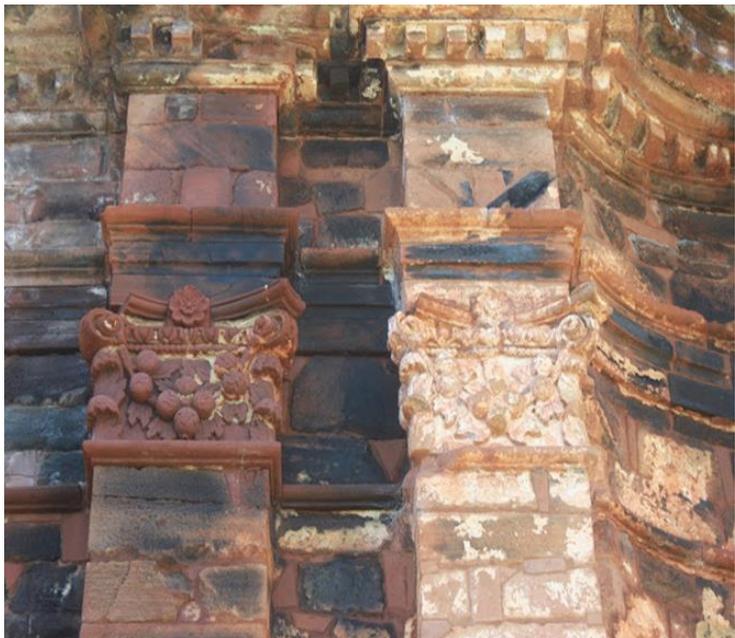
Além disso, o estudo das construções, permitiu encontrar elementos da cultura e arte grega, seja nos frontões, capiteis ou na própria filosofia do espaço.

Segundo os pesquisadores, o fenômeno artístico definido como helenismo-sul-americano, justamente por conter o espírito de uma época, caracteriza as edificações das trinta reduções da Província jesuítica do Paraguai e é considerado o maior avanço cultural e artístico com populações indígenas em solo americano. As trinta reduções importam uma fonte de representações artísticas e culturais no cenário da história da humanidade que se consagram como conceito, identificado nos traços urbanísticos, nos desenhos das paredes, na arte dos capitéis.



Tendo o índio guarani como matéria-prima da concepção jesuítica das missões, é importante considerar os seus aspectos construtores que unem a 'selva' e o urbano, aproximando xamanismo e cristianismo (católico) com experiências vastamente apreciadas. De acordo com os pesquisadores, os guaranis que participaram das reduções, eram grupos de migrantes, compostos por caçadores,

coletores, agricultores e artesãos, todos provenientes da floresta amazônica. Os índios operaram, nesse processo de construção das reduções, conforme o artigo, não como servos, ou com rostos anônimos, mas como protagonistas de seu próprio corpo esculpido nas imagens. Isso é um dos pontos que mais chama a atenção e dá maior significado cultural e valoração para cada edificação construída.



O trabalho realizado pelos grupo de pesquisadores da PUCRS, formado pelos Professores DR. **Edison Hüttner** teólogo; Dr. Eder Abreu Hüttner, gerontologista; e Dr. Rogério Mongelos, arquiteto urbanista culmina com a exposição das peças descobertas, em museus da Capital gaúcha e dos municípios do RGS. A proposta da exposição é mostrar todos os povos a todas as pessoas interessadas, colocando esta situação em plano de destaque como pano de fundo de um processo civilizatório importante.

“O que se vê nas missões é, de fato, único: uma paisagem construída pelas mãos indígenas guarani”. Naturalmente com padrões europeus, mas única no mundo, as 30 Reduções Jesuíticas visitadas pelos pesquisadores, são construídas com pedras de arenito. Assim como os gregos, os jesuítas construíram sua arquitetura a partir da pedra local. Pessoas extremamente cultas, os jesuítas vinham de diferentes nações. Vieram ao Rio Grande do Sul com o propósito de formatar uma cultura missioneira com um dialeto próprio, uma estética pessoal própria, nativa, ou da região dos missioneiros.

As peças, encontradas, desde o início do projeto, em 2006, montam o mosaico do helenismo sul-americano missioneiro, de acordo com o Prof. Edison Hüttner.

A exposição conta com a projeção do documentário “Helenismo Sul-Americano Missioneiro”. O filme reúne comentários de especialistas das áreas envolvidas na pesquisa e conferem acessibilidade ao tema da exposição que pode, à primeira vista, representar dificuldades aos leigos. Os comentários constroem o caminho percorrido pelos estudiosos e suas conclusões de estudo.

No vídeo, que roda durante a visita, Rogério Mongelos, arquiteto urbanista da PUCRS, desenvolve o conceito de helenismo sul-americano de forma simples. Segundo o arquiteto, o que se tem nas Missões é, de fato, um apelo helênico; uma espécie de renascentismo estético em função dos diversos ramos da arte, como a música, a arquitetura, a fundição, a tecnologia. Isso, acrescenta o pesquisador, refletiu-se, não somente nos Sete Povos das Missões, aqui no RS, como estabeleceu vínculos com as Reduções jesuíticas da Argentina, do Paraguai e do Uruguai. Todas juntas formaram um complexo tão desenvolvido que

intimidam o avanço tecnológico europeu. Essa situação culminou com a Guerra guaranítica.

Diante da grandeza de informações e ao mesmo tempo a falta delas, foi que o grupo de



pesquisa “dentro de conceito de multitude de valores”, iniciou um processo de reconstituição de reunificação de peças em um enorme quebra-cabeças em que se está descobrindo muitas situações conclusivas sobre aquele período”, diz Mongelos, através de um caminho de descobertas e redescobertas, rastros de uma cultura que se esconde atrás de roupagens modernas, de espaços distantes, espalhada como poeira ao vento em função do descuido da história.

O que chamou a atenção do grupo de pesquisadores dentro dessa temática, segundo Dr. Eder Abreu Hüttner, foi a possibilidade de interagir com outras especialidades e as outras unidades da universidade. A partir da primeira descoberta, a do sino desaparecido de São Miguel, foi possível traçar-se uma linha de pesquisa, que utilizasse os recursos hoje existentes dentro da universidade e das suas unidades, como subsídios mais concretos na identificação dessas obras sacras.

Para Dr. Klaus P.Hilbert, não se trata de uma descoberta simples, em que se estabelece uma relação pelas semelhanças, ou seja, uma estátua missioneira original com outra estátua missioneira original. Trata-se de descobrir, por trás do objeto

modificadas.” “Trata-se de uma imagem que foi pintada, readequada às condições estéticas do século XX. De repente, se descobre que por trás de uma imagem, que parecia do século XX, há uma imagem missioneira”.



Esta é uma “grande descoberta que indica uma tecnologia, uma pesquisa inovadora” diz o arqueólogo. “Ao se olhar para o que ela é, olha-se, também, para o que está por trás dela”.

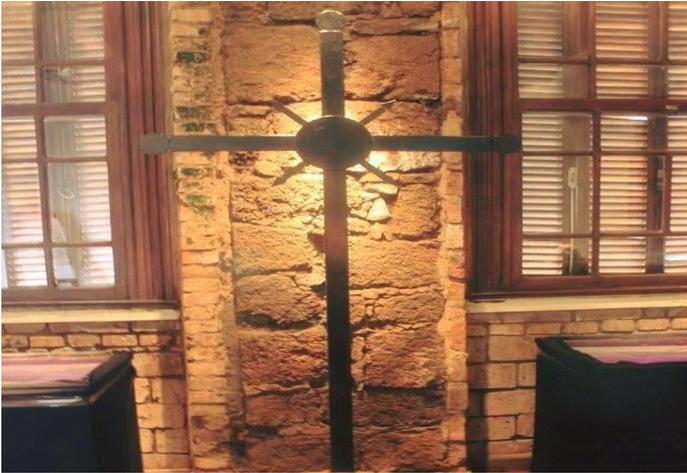
Para o diretor do Laboratório de Arqueologia da PUCRS, o Dr. Edison Hüttner conseguiu empreender esse novo olhar: o de olhar por trás da imagem e enxergar suas origens.

São muitos as imagens e objetos sacros que ainda hoje se mantêm afastados da origem. Aos poucos os pesquisadores vão percorrendo o caminho da descoberta. Além do sino reencontrado em diferentes locais, algumas imagens sacras, adornos de fachadas e colunas, o Pesquisador Prof.Dr.Edison Hüttner descobriu em Camaquã, uma das cruzes de São Miguel.

modificado, o original. Trata-se da transformação de estátuas, de imagens missioneira. O destaque da pesquisa deve-se a esse esforço. Há na imagem um núcleo original, mas ela foi transformada, passou por um processo de ressignificação, através de uma tecnologia que mudou a sua imagem. “A descoberta dessa transformação é muito importante. (...) há elementos técnicos originais da estátua missioneira, mas é possível observar como ela foi transformada: o rosto, umas partes externas do manto foram DIÁLOGO: REVISTA MULTIDISCIPLINAR

Dr. Klaus Hilbert, também pesquisador da PUCRS, em observação a esses achados, acrescenta que “a descoberta está no ato da descoberta, Todo o processo da descoberta é importante.” Especificamente, no caso das missões, os pesquisadores, assim como a sociedade de forma geral, conhecem as iconografias, as pesquisas, São Miguel da Missões, mas ninguém nunca deu muita atenção a esses pequenos detalhes, ou seja, à falta deles.

No caso da cruz, deve-se à desatenção o fato de seu desaparecimento. Perdeu-se a cruz em algum momento e os arqueólogos e arquitetos não foram correr atrás, também não se deram conta de



que esse material, em um contexto mais sagrado, tem importância singular para a população, diz Hilbert, reiterando que os objetos de valor religioso têm vida própria.



As pessoas os transportam. Foi o que aconteceu com a cruz. Ela apareceu novamente em Camaquã e terminou em uma pequena capelinha como um gesto de oferenda, de agradecimento. Assim foi com os anjos de arenito encontrados em Passo Fundo, que hoje também já se encontram no museu das Missões.

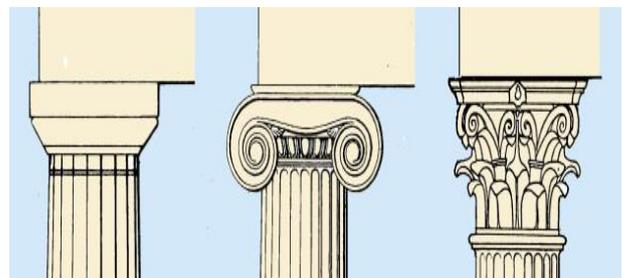


A trajetória do trabalho realizado pelos professores Edison, Eder e Rogério teve início em 2016, quando pesquisaram o sino de São Miguel, fundido em 1726, na Redução de São João Batista, por um índio, Gabriel Kiri. O sino, hoje, encontra-se na varanda do Museu das Missões



Este trabalho tem uma convergência porque valoriza as peças de tradição da cultura Guarani que também é uma construção.

De acordo com o arquiteto Mongelos, existe um processo missioneiro que determinou uma arquitetura missioneira, baseado, fundamentado nos valores jônicos, nos valores helênicos. Arquitraves, frisos, cornijas, caneluras, equinos,



âbacos, métopas, colunas, exemplificam esse processo. Trata-se de uma hereditariedade cultural, que passou a ser difundida.

O professor não vê esta história como acabada, nem como um museu do passado, mas como uma arte latente que nos envolve e da qual fazemos parte, pois participamos dessa construção.

“O templo das Ruínas de São Miguel Arcanjo, tombado como patrimônio da humanidade em 1983, foi a pedra angular da construção deste conceito”, acrescenta o professor Edison. O que aconteceu no período do século XVII-XVIII foi fenômeno único na América. O professor não vê esta história como acabada, nem como um museu do passado, mas como uma arte latente que nos envolve e da qual fazemos parte, pois participamos dessa construção.

